

O FRUTO DO ESPÍRITO (GI 5.22-25)

Estudo 11 – Guerra e paz

O dia 11 de setembro de 2001 ficou marcado na história mundial e na memória de muita gente pelo atentado ao World Trade Center. As imagens impressionantes da destruição das torres gêmeas foi seguida pela declaração de guerra dos EUA contra o terrorismo islâmico –levando às guerras do Afeganistão (2001) e do Iraque (2003). Atualmente, apesar de um acordo de paz em 2020 que previa a diminuição da ocupação e das ofensivas, ainda há constantes ataques e contra-ataques entre o governo local, as tropas dos países ocidentais e o Talibã (o mesmo movimento que já apoiava a Al-Qaeda).

Você se lembra da notícia do ataque de 11 de setembro? Qual foi sua reação na época? Você consegue se imaginar vivendo numa região sob guerra constante há décadas?

Segundo a caracterização que o apóstolo Paulo fez, o terceiro elemento do fruto do Espírito que devemos estudar é a *paz*. No Antigo Testamento, a palavra hebraica *shalom* aparece mais de duzentas vezes, transmitindo o conceito de “bem-estar geral, ausência de conflitos, medo ou necessidades, prosperidade, saúde e contentamento no relacionamento com Deus, com o próximo e com a criação”.

É nesse sentido amplo que a paz é evocada pelo salmista (Sl 4.9; 37.11; 72.7; 119.165; 120.7; 122.7; 147.14). Certamente ele via a paz como uma benção que o povo de Deus recebe do seu Senhor (29.11). Mas, como sabemos, o próprio Davi, escritor de tantos salmos, não viveu majoritariamente sob esse tipo de “ausência de conflitos” – pelo contrário, foi um “homem de guerra” (1Cr 28.3). Contudo, relembando as mais diversas situações por que passou em sua vida, Davi afirma que tanto nos *campos verdejantes* quanto nos *vales sombrios*, sua alma sentia paz na certeza da bondade de Deus (Sl 23.2,4).

Como desfrutar da paz do Espírito em um mundo em constante guerra carnal?

Primeiramente, lembre-se do estudo anterior: Temos paz com Deus por meio de Cristo (Rm 5.1)! Isso significa que não vivemos ameaçados com a possibilidade constante de que o Todo-Poderoso derrame sua ira por nossos pecados. Há grande paz no coração daquele que, nas circunstâncias mais adversas, enxerga a boa vontade de Deus em sua vida (Rm 8.28; Sl 27.5,13; 30.5). Até mesmo quando somos disciplinados, sabemos que é para nosso bem, e isso pacifica nosso coração (Hb 12.10,11).

É esse o sentido da advertência de Jesus aos discípulos para que não ficassem ansiosos quanto às suas vidas, necessidades e anseios, já que Deus sabe o que precisamos e cuida de nós (Mt 6.25,32). Note que Jesus havia acabado de ensiná-los a orar a Deus chamando-o de “Pai” (6.9,11).

Na mesma linha, o apóstolo Paulo exortou os crentes de Filipos a manterem o coração e a mente em paz, depositando suas ansiedades diante de Deus, por meio da oração cheia de confiança e gratidão (Fp 4.6-7).

A paz que Deus nos promete e o Espírito produz em nós não é resultado da ausência de conflitos, mas resultado da relação correta com o Senhor, que está acima das circunstâncias, pois é fundamentada na certeza da misericórdia divina. Afinal, Deus já nos deu seu Filho, por

isso não precisamos temer as circunstâncias mais difíceis, os poderes mais tenebrosos, ou a própria morte (Rm 8.32,35-39). Estamos em paz.

Evidentemente, não se trata do tipo de paz passageira e circunstancial que esta vida pode nos oferecer. Mas, sim, daquela paz duradoura e inabalável que Jesus prometeu que seu Espírito Consolador daria aos que nele creem (Jo 14.1,26,27). Um tipo de paz diferente, que persiste até mesmo quando passamos pelas inevitáveis aflições desta vida (Jo 16.33).

Que o *Deus de paz* (Rm 15.33) esteja conosco!

Aplicação

Você tem recorrido à oração diante dos conflitos e aflições da vida? O quanto orar promove paz em seu coração nesses momentos? Se não tem experimentado essa paz, o que você acha que pode estar faltando?

Pr. Alceu Lourenço